

As três dimensões da plataformização da literatura: um olhar para a circulação e suas resistências em *O avesso da pele*

Las tres dimensiones de la plataformización de la literatura: una mirada a la circulación y sus resistencias en *O avesso da pele*

The three dimensions of literature platforming: a look at circulation and its resistance in *O avesso da pele*



Gabriel Bhering¹

Iluska Coutinho²

Resumo: O livro passou por um processo de digitalização nos últimos anos, mas, além disso, é preciso reconhecer o fenômeno que pode ser chamado de plataformização da literatura, no qual as plataformas de mídias sociais reconfiguram as narrativas dos livros, colocando-as em constante deslizamento. Esse fenômeno pode ser observado a partir de três dimensões: a) criação, b) consumo e c) circulação. Neste artigo, o objetivo é realizar uma análise da materialidade audiovisual com apoio do mapa das mediações algorítmicas

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)- Juiz de Fora- Minas Gerais- Brasil.

² Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)- Juiz de Fora- Minas Gerais- Brasil.

para investigar a circulação e as práticas de resistência no TikTok por leitores do livro *O Avesso da pele*, de Jeferson Tenório, após a proibição da obra em uma escola estadual situada em Santa Cruz do Sul (RS). Como resultado, o estudo constatou que, apesar das assimetrias algorítmicas, há iniciativas de resistência realizadas pelos *booktokers* a fim de enfrentar a censura e o racismo.

Palavras-chave: Plataformas. Livros. Racismo. Mediações algorítmicas. TikTok.

Resumen: El libro ha pasado por un proceso de digitalización en los últimos años, pero, más allá de esto, es necesario reconocer el fenómeno que puede llamarse plataformización de la literatura, en el cual las plataformas de redes sociales reconfiguran las narrativas de los libros, colocándolas en constante deslizamiento. Este fenómeno puede observarse a partir de tres dimensiones: a) creación, b) consumo y c) circulación. En este artículo, el objetivo es realizar un análisis de la materialidad audiovisual con el apoyo del mapa de las mediaciones algorítmicas para investigar la circulación y resistencia realizadas en TikTok por lectores del libro *O Avesso da pele*, de Jeferson Tenório, tras la prohibición de la obra en una escuela estatal ubicada en Santa Cruz do Sul (RS). Como resultado, el estudio constató que, a pesar de las asimetrías algorítmicas, existen iniciativas de resistencia que están siendo realizadas por los *booktokers* con el fin de enfrentar la censura y el racismo.

Palabras clave: Plataformas. Libros. Racismo. Mediaciones algorítmicas. TikTok.

Abstract: The book has undergone a process of digitization in recent years, but, beyond this, it is necessary to recognize the phenomenon that can be called the platformization of literature, in which social media platforms reconfigure the narratives of books, placing them in constant drift. This phenomenon can be observed from three dimensions: a) creation, b) consumption, and c) circulation. In this article, the objective is to carry out an analysis of audiovisual materiality with the support of the map of algorithmic mediations to investigate the circulation and resistance carried out on TikTok by readers of the book *O Avesso da pele*, by Jeferson Tenório, after the prohibition of the work in a state school located in Santa Cruz do Sul (RS). As a result, the study found that, despite algorithmic

asymmetries, there are initiatives of resistance being carried out by booktokers in order to confront censorship and racism.

Key-words: Platforms. Books. Racism. Algorithmic mediations. TikTok.

Introdução

A atual ecologia midiática, marcada pela atuação de plataformas, dados e algoritmos, vem provocando uma reconfiguração na sociedade e tornando inviável separar a realidade do ambiente virtual. Ambos se conectam, gerando um só hemisfério, no qual acontece uma transformação no espaço público em paralelo à produção cultural, que se torna híbrida entre o território físico e o digital, o local e o global, a comunidade e a sociedade. Diante disso, a Literatura, considerada um campo de conhecimento específico da Letras, revela potencialidades se pensada pelo prisma da Comunicação, pois, além dos estudos literários sobre questões de narrativas, há uma urgência por pesquisas científicas que se voltem para a complexidade que as novas mídias geram. Por exemplo, no processo de mediação daquilo que está sendo lido, discutido, circulado, apropriado e ressignificado em termos de literatura nas plataformas de mídias sociais.

Neste estudo, o objetivo é investigar como a Literatura entra em um processo de platformização a partir de três dimensões: a) criação, b) consumo e c) circulação. Embora o artigo apresente essa tríade, busca focalizar principalmente a dimensão da circulação, a qual abrange as mediações realizadas por críticos especializados, leitores e usuários amadores das plataformas. Conforme se observa com o enfrentamento à censura que o romance *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, sofreu após um pronunciamento gravado em vídeo pela diretora Janaina Venzon em primeiro de março de 2024. Segundo a educadora da Escola Estadual Ernesto Alves de Oliveira, situada em Santa Cruz do Sul (RS), a obra traz em sua discursividade linguagem considerada de baixo calão a ser trabalhada por estudantes do ensino médio.

Outrora, os livros eram criticados nas reuniões que a aristocracia oferecia. Posteriormente, com a ascensão da imprensa, surgiram os romances de folhetins e as colunas analíticas, que culminaram nos blogs literários, canais no YouTube e, mais

recentemente, nos vídeos das plataformas que provocam visivelmente transformações no veículo livro e em seus conteúdos em constante deslizamento (Figueiredo, 2010). Isso não significa dizer, no entanto,

(...) que a literatura tenha deixado de ser reconhecida como um campo de atividade nobre, associado à esfera da alta cultura, mas, sim, que os textos inclusive os classificados como literários, têm, progressivamente, perdido a centralidade simbólica, subordinando-se de uma forma ou de outra, às imagens técnicas, servindo-lhes, às vezes, como pré-textos, conforme assinalou Flusser (2002). Cada vez mais a ideia de uma obra-prima acabada, fechada em sua perfeição, cede espaço para um texto em contínua reelaboração, que se quer flexível, de modo a facilitar o deslizamento por diferentes meios e suportes. O artista, cuja formação tende a ser multimídia, torna-se um orquestrador, trabalhando com mensagens de diversas séries: literárias, visuais, musicais (Figueiredo, 2010, p. 45).

Essa orquestração de mensagens compostas por signos diversos pode ser observada nos e-books que são criados com o apoio de links para o leitor acessar em seu consumo outras mídias, como uma playlist no Spotify. Segundo Figueiredo (2010, p. 44), talvez seja possível “dizer que há uma literatura anterior e outra posterior à expansão das mídias audiovisuais, assim como a literatura não permaneceu a mesma depois que o aprimoramento das técnicas de imprensa permitiu a ampla circulação dos jornais”. As transformações provocadas por essas mídias audiovisuais na literatura, principalmente com a ascensão das plataformas digitais, geram um novo fenômeno comunicacional. No caso, a plataformização da literatura. Neste estudo, conforme já indicado, a dimensão da circulação será adotada como a principal a ser refletida via epistemologias latino-americanas e, em especial, brasileiras. Em relação à empiria, serão analisadas as iniciativas contra-hegemônicas praticadas por usuários do TikTok, que se apropriam dessa interface digital como forma de resistência em uma irreverência aos pseudo-saberes colonizadores, que tentam, ainda hoje, reger o país.

Essas iniciativas serão estudadas mediante o mapeamento de vídeos publicados no TikTok responsáveis por tensionar o caso de censura da obra *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório. Embora as plataformas sejam controladas por algoritmos orientados por interesses que visam o lucro, existem possibilidades de resistências que precisam ser

consideradas nesse processo de mediação. Isso evidencia a literatura sendo apropriada, resgatada e ressignificada em momentos como o descrito, no qual a criação estético-verbal deixa de emergir pelo conservadorismo travestido por uma justificativa racista de inadequabilidade da linguagem. O pedido de censura foi interpretado pelo autor como uma distorção grave da obra, a ponto de ele aproximar, lucidamente, o vídeo da diretora de uma *fake news*, que pode ser enquadrada como um caso de desordem informacional (Derakhshan & Wardle, 2017).

Segundo esses pesquisadores, para além de conteúdos desinformativos produzidos com a intenção de enganar, existe um fenômeno complexo batizado de desordem informacional, que abrange também informações incorretas e maliciosas. O primeiro caso diz respeito a produções com erros, mas que não foram criadas objetivando enganar, como um número digitado errado. Já a informação maliciosa, mesmo sendo verdadeira, não agrega para o debate público, por exemplo, imagens sensíveis de vítimas. O vídeo produzido pela diretora Janaina Venzon ilustra um caso de desinformação, pois ela cita palavras de baixo calão fora de contexto a fim de deslegitimar a relevância da obra que discute em profundidade o racismo no Brasil.

Antes de adentrar nas resistências que serão mobilizadas a partir da análise da materialidade audiovisual (Coutinho, 2016) em combinação ao mapa das mediações algorítmicas (Winques, 2024), necessita-se, previamente, empreender esforços para introduzir alguns dos estudos críticos sobre plataformas. À vista de suas capacidades de fornecimento de lentes de observação para pensar o fenômeno estudado: a plataformização da literatura e as mediações culturais na dimensão da circulação a partir de uma lógica barberiana de arquitetura epistemológica. Uma versão resumida deste estudo foi apresentada e publicada nos anais do GT “Plataformas digitais, narrativas e resistências”, do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte em 2025. A seguir, é possível realizar a leitura completa da pesquisa que deu os seus primeiros passos no evento mencionado.

As três dimensões da plataformização da literatura: criação, consumo e circulação

No início, a internet era vista como um espaço propício para o desenvolvimento de uma “inteligência coletiva” (Lévy, 1997) por meio da liberdade que supostamente haveria. No entanto, hoje, cada vez mais, fica clara a existência de limites para a efetivação desse ideal. Afinal, quem controla a internet são as *big techs*, que não se consideram empresas de mídia, mas, sim, de tecnologia. Essa negação ocorre porque as plataformas não querem se responsabilizar pelo conteúdo que elas permitem circular livremente (Napoli; Caplan; 2018), muitas vezes contribuindo para a Desordem Informacional (Derakhshan; Wardle, 2017).

Embora, atualmente, as redes sociais sejam chamadas de plataformas digitais (D'Andréa, 2020), é preciso reconhecer que elas são também mídias (Napoli; Caplan; 2018), logo podem ser chamadas de “plataformas de mídias sociais”, permeadas por algoritmos que são, segundo Gillespie (2018), dados processados em resultados. A manutenção e expansão das *big techs* acontecem a partir desses algoritmos vistos por essas organizações “de um modo completamente neutro e objetivo, livre de inclinações que caracterizam as decisões editoriais humanas diretas” (Napoli; Caplan; 2018, p. 150). Essa perspectiva de neutralidade é tensionada pela comunidade científica, que pensa criticamente esses processos digitais de comunicação.

As plataformas de mídias sociais reconfiguraram diferentes processos sociais, como a crítica literária, a criação e o consumo de livros, levando ao que pode ser chamado de uma plataformização da literatura, por ultrapassar o veículo livro e atingir outras camadas. Por exemplo, com as plataformas, as críticas deixaram de ser em resenhas escritas e produções audiovisuais longas, transformando-se em vídeos de 30s no TikTok; a produção dos livros também sofreu alterações com a Amazon, que transformou a forma de lidar com esse produto cultural.

Ambos os casos podem ter potencialidades, mas também precisam ser pensados à luz da criticidade, tendo em vista que a mudança nos modos de realização da crítica contribui para uma plataformização do trabalho (Grohmann, 2020) dos críticos literários contemporâneos (*booktubers*, *intabookers*, *booktokers*). Este grupo desenvolve suas atividades a partir de um desejo de autonomia, que tem encontrado entraves:

(...) impostos pela plataformização: influenciadores digitais não são chefes de si – trabalham não apenas ‘nas’, mas ‘para’ as plataformas. A despeito dos ganhos em publicidade oriundos da atividade, a ingerência das plataformas cerceia o trabalho, conforma conteúdos, limita discussões e gera problemas de saúde típicos de distorções nas relações de exploração da força trabalho.

Ainda, como é comum entre as profissões oriundas nas plataformas digitais, o trabalho dos influenciadores carece de regulamentação (Karhawi e Prazeres, 2022, p. 806).

Já em relação à BigTech Amazon, observa-se, com a pesquisa de Moura e Oliveira (2023), que essa empresa está longe de ser uma agente de transformação da literatura e defensora da democratização do acesso a livros, como se autodescreve. Essa propaganda precisa ser avaliada com criticidade, pois não dialoga com o imaginário dos leitores do *X*, antigo *Twitter*. Segundo 1065 *tweets* mapeados pelas pesquisadoras, foi possível constatar que muitos leitores percebem, na verdade, desigualdade no processo de digitalização tratado como democrático pela Amazon.

Diante do fenômeno observado, conclui-se que o estabelecimento dos imaginários algorítmicos, dentro do recorte proposto, está intimamente ligado à lógica de atuação que a Amazon impõe ao mercado e aos consumidores de livros. Nos dias atuais, o setor de venda de livros tem sido afetado negativamente pela plataforma, que traz em seu discurso uma posição de presumida neutralidade e de democratização de acesso aos livros que precisa ser analisado criticamente (Moura; Oliveira, 2023, p. 17).

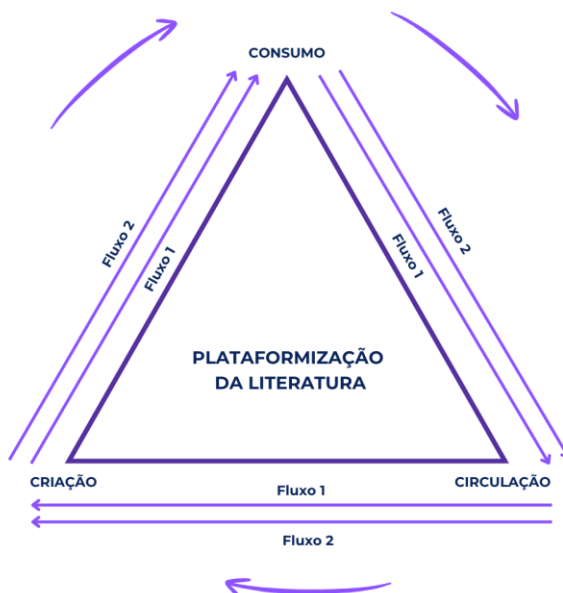
Atualmente, o processo de criação literária é desenvolvido em um cenário digitalizado. Portanto, muitos autores escrevem o livro já em uma plataforma, por exemplo, no *Google Docs*, que pertence à *Alphabet (Google)*. Mesmo aqueles que preferem manter a escrita no analógico, em algum momento, vão se deparar com a digitalização na fase de editoração. Em um caso hipotético, no qual o autor escreve o livro à mão e faz cópias à mão sem qualquer digitalização durante a criação, é possível ainda identificar o escritor inserido em uma sociedade plataformizada. Logo, isso afeta o modo como ele interpreta a realidade e a (re)interpreta ao narrá-la. Em outras palavras, não se pode negar que a criação, seja em sua materialidade ou relações simbólicas, é afetada por esse fenômeno comunicacional que transforma todas as esferas da sociedade, inclusive a Literatura.

A dimensão do consumo não envolve somente a compra e a leitura, mas também a venda e a distribuição, pois, sem esses fatores, o consumo não se concretiza. Em uma cadeia logística tradicional, o livro, após sair da gráfica, se direciona para as livrarias, bibliotecas e escolas até ser consumido por leitores. Hoje, ainda é possível identificar esse percurso, mas, com a BigTech Amazon, o modo de consumir tem sido cada vez mais plataformizado, seja a partir de compras online de livros físicos entregues na residência do leitor ou de *e-books* a serem lidos no *e-reader* Kindle. Inclusive, assim como o audiovisual oferta pacotes de assinaturas de streaming, a Amazon também oferece a assinatura paga *Kindle Unlimited* para leitores terem acesso a uma série de títulos sem custo adicional durante o tempo do contrato. O autor iniciante pode optar, após o processo de criação, por publicar de modo independente o seu livro sem custo algum. Isto também entra no slogan que a Amazon traz de democratização, lido de modo crítico por leitores que não conseguem enxergar com clareza esse ideal circulando na plataforma, conforme visto na pesquisa citada de Moura e Oliveira (2023).

A criação e o consumo da literatura vêm sofrendo transformações significativas nas últimas décadas, justamente ao lado da circulação discorrida brevemente na primeira seção deste estudo. Assim como o consumo não envolve só a compra, a circulação também não se limita à crítica especializada, mas às diferentes formas de recepção que surgem nas plataformas de mídias sociais. Em 2024, o clássico realista *Memórias Póstumas de Brás Cubas* viralizou no Brasil a partir da resenha publicada pela *booktoker* estadunidense Courtney Novak (@courtneyhenningnovak). Bhering (2024), autor deste artigo, realizou um mapeamento dos conteúdos circulados no país após a viralização e identificou três grupos de conteúdos: memes brasileiros citando o romance realista, a repercussão de Brás Cubas na imprensa brasileira e resenhas brasileiras geradas após a repercussão estrangeira. A partir da análise desses grupos, foi concluído que o vídeo estrangeiro escancarou o complexo de vira-lata que os brasileiros têm de sua cultura, pois ainda precisam de uma validação do estrangeiro. Apesar desse fluxo vertical (EUA-Brasil), os conteúdos produzidos nacionalmente chamam atenção, em alguma medida, para fluxos transversais capazes de “deslocar a cultura brasileira das margens” (Bhering, 2024, p. 157).

Para ilustrar graficamente as dimensões da plataformização da literatura, o triângulo abaixo foi desenhado. No vértice inferior esquerdo da base, é possível localizar a criação que segue em direção ao consumo; esse, por sua vez, percorre em direção ao vértice direito da base, no qual se localiza a circulação. Após o fluxo inicial descrito, é possível observar que a circulação propõe novas formas de enunciação, com *fanfics*, memes e paródias que acarretam, por conseguinte, em outros modos de consumo e circulação em fluxo contínuo e interminável, que podem se intensificar em casos como o de Brás Cubas já apresentado.

Figura 1. A tríade da plataformização da literatura



Fonte: elaboração própria, 2026.

Diante da complexidade desse fenômeno, pensado a partir das três dimensões estipuladas, o foco será investigar a circulação. A partir do estudo de caso de censura sofrido por Jeferson Tenório, é notável a mudança no processo da crítica especializada, assim como da não especializada, que acontece desde sempre na recepção dos leitores, mas que agora consegue galgar em termos quantitativos visualizações próximas ou superiores às das colunas oficiais. No entanto, deve-se reconhecer que os vídeos publicados no TikTok são afetados pelos algoritmos e pelas lógicas virais que favorecem

conteúdos desinformativos em detrimento de outros, à vista do potencial de engajamento que a desinformação possui. Ainda com as *affordances* repletas de intencionalidades existentes nessas plataformas, o objetivo é investigar se e como os leitores resistem em um cenário de plataformização da literatura, cuja censura permanece sendo desempenhada no Brasil.

Análise da materialidade audiovisual a partir de eixos das mediações algorítmicas

A análise da materialidade audiovisual (Coutinho, 2016) é um método que busca viabilizar a investigação de produtos audiovisuais sem realizar decomposições no processo de leitura. Considera, portanto, “como objeto de avaliação a unidade texto+som+imagem+tempo+edição” (Coutinho, 2016, p. 10). Além desse propósito, é um método que permite ao pesquisador o estabelecimento de eixos de investigação conforme os interesses particulares do estudo. Neste artigo, os eixos serão estruturados a partir da discussão anterior apresentada e do “mapa das mediações algorítmicas” (Winques, 2024).

Para entendê-lo, antes é necessário resgatar o mapa das mediações de Martin-Barbero, que estuda o fenômeno comunicacional dos meios às mediações a partir de sua perspectiva epistemológica filiada aos Estudos Culturais. No último modelo apresentado por Barbero em 2017 (Lopes, 2018), há, do lado direito, “narrativas”, “tecnicidades” e “redes”. Já na proposta de Winques (2024), as redes são pensadas a partir dos “imaginários”, ficando da seguinte forma: “narrativas”, “tecnicidades” e “imaginários”. Essas lentes são potentes no processo de “criar espaços para formas distintas de ver, ouvir, ler, escrever e interpretar o mundo, interrogando as epistemologias emergentes, sobretudo advindas do Sul Global” (Winques, 2024, p. 210).

O conceito de imaginários adotado pela pesquisadora diz respeito aos processos imaginativos que os usuários formulam acerca dos algoritmos para tensionar, por exemplo, o engajamento hegemônico a fim de que suas narrativas também consigam viralizar. Segundo Bucher (2016), criticar os algoritmos não é suficiente, pois:

(...) Embora os algoritmos certamente façam coisas com as pessoas, as pessoas também fazem coisas com os algoritmos. O poder social dos algoritmos – particularmente no contexto da aprendizagem automática – decorre das “relações de força” recursivas entre pessoas e algoritmos (Bucher, 2016, p. 13, tradução nossa).

Em diálogo direto com Barbero, a proposta de Winkes é pensar as mediações no contexto digital em vez de considerar somente as lógicas de produção, haja vista que as mediações podem trazer significativos resultados aos estudos de fenômenos comunicacionais presentes na nova ecologia midiática, como a plataformização da literatura. Neste trabalho, dois eixos da AMA foram estabelecidos com base no modelo de Winkes (2024). No caso, 1) Narrativas decoloniais e 2) Imaginários acerca da censura.

Antes da análise propriamente dita, é preciso apresentar com exatidão o caso estudado. O romance *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, conta a história de Pedro, um jovem negro que acabou de perder o pai e começa a revisitar as memórias para reconstituir o lado paterno. A partir da narrativa, o leitor mergulha em um emaranhado de reflexões envolvendo o racismo e a negritude como uma forma de resistência. A obra, publicada em 2020, ganhou o prêmio Jabuti no ano seguinte ao lançamento, sendo aprovada para incluir o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) em 2022. Apesar da consagração do título de Tenório como um clássico contemporâneo, a obra foi vítima de censura.

Em março de 2024, Janaina Venzon, diretora da Escola Estadual de Ensino Médio Ernesto Alves de Oliveira, de Santa Cruz do Sul, no RS, publicou um vídeo em uma plataforma criticando a obra. Segundo a educadora, é “lamentável o Governo Federal através do MEC adquirir esta obra literária e enviar para as escolas com vocabulários de tão baixo nível para serem trabalhados com estudantes do ensino médio” (Venzon, 2024). Logo que o vídeo repercutiu, a 6ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), ligada à Seduc, orientou a retirada dos exemplares da biblioteca da escola até que ocorresse um pronunciamento do Ministério da Educação e da Cultura.

Posteriormente, o MEC esclareceu que a permanência no programa é voluntária e as escolas podem escolher de forma democrática os materiais que mais coadunam com

suas perspectivas pedagógicas. Além desse pronunciamento oficial do governo, o autor e mais de 250 escritores, artistas e intelectuais se posicionaram, organizando um abaixo-assinado. Neste estudo, conforme informado, o direcionamento da investigação se volta para a circulação envolvendo esse caso, principalmente os vídeos produzidos por leitores no TikTok, que podem ser interpretados a partir do conceito de amador no audiovisual. “Compreendemos que o amador, na qualidade de cidadão (ou telespectador, internauta ou usuário) deseja assumir a produção e a autoria de espaços e produtos nos quais antes figurava, na melhor das perspectivas, como audiência e/ou público” (Mata, 2019, p. 22).

Para possibilitar a análise, o primeiro passo foi mapear no TikTok os vídeos por meio de uma busca avançada que combinou o título do livro com a palavra “censura”. A partir dessa pesquisa avançada, 47 vídeos de *booktokers* e outros usuários da plataforma foram encontrados combatendo a censura em uma plataforma hegemônica do norte global. Diante da quantidade de material localizado, neste estudo somente três foram destrinchados.

Entre os selecionados, encontra-se o vídeo do Wellê (@welle.of), por ele estar em destaque na busca avançada realizada com a combinação de palavras mencionadas. No conteúdo audiovisual, o criador, que é um homem negro, apresenta o caso de banimento vivenciado pela obra a partir de uma narrativa estruturada de modo decolonial ao avaliar a decisão da diretora como incoerente e racista.

Figura 2. Wellê produzindo um imaginário acerca do que se passa na mente de um censurador racista



Fonte: TikTok/Reprodução, 2024.

No decorrer do vídeo, ele faz um exercício de imaginar o que se passa na cabeça dos censuradores e diz: “Por trás dessa desculpa de palavras de baixo calão está escondido o desejo de privar que esses alunos reflitam sobre o racismo e sobre o mundo” (Wellê, 2024, 53s). Ou seja, além de uma narrativa decolonial, é possível identificar no vídeo a produção de um imaginário do que se passa na mente dos censuradores, de modo a desvendar o motivo pelo qual a decisão foi tomada. Esse imaginário, ao viralizar pelo TikTok, fornece um enfrentamento à censura, assim como um esclarecimento do que está por trás dela.

O segundo vídeo localizado é do Pedro Pacífico (@booksterpedro), que trabalha especificamente com livros no TikTok e já tem mais de 83 mil seguidores. No conteúdo gravado, o criador apresenta o caso de censura envolvendo o romance *O avesso da pele, de Tenório*, e avalia a decisão de retirada da obra das escolas do Rio Grande do Sul como algo muito problemático, porque não é uma história erótica. Pelo contrário, segundo ele, a obra pode ser lida tranquilamente por adolescentes. Em seguida, Pedro esclarece que, na verdade, o romance trata da questão racial fundamental a ser debatida em um país como o Brasil. Ao tratar o aspecto do enredo, o vídeo constrói uma narrativa decolonial. Por fim, ele aborda que essa decisão está certamente ligada a uma tentativa de politizar tudo. Ao destacar essa observação, Pacífico acaba praticando um exercício de pensar

imaginários sobre o racismo e aponta, então, a politização como uma estratégia que se localiza por trás desse movimento de apagamento da narrativa.

Figura 3. O *booktoker* Pedro Pacífico comentando o caso de censura envolvendo o livro *O avesso da pele*



Fonte: TikTok/Reprodução, 2024.

O terceiro vídeo selecionado é da *booktoker* Dayhara Martins (@dayharabooks), que, diferente dos *tiktokers* anteriores, buscou combater a censura a partir de uma análise da capa do romance. Segundo a criadora, que fez o seu trabalho de conclusão de curso (TCC) em Letras sobre a obra, a arte da capa do livro faz parte de uma composição maior, no caso, *Os Banhistas*. A tela exata na qual a capa se baseia é *O trampolim*, pintada por Antônio Obá. A criação do quadro surgiu a partir do acontecimento que reuniu um grupo de jovens defensores dos direitos da população negra que entraram em uma piscina exclusiva para pessoas brancas na Flórida em 1964, como forma de protesto; o dono do hotel ficou com muita raiva e jogou ácido naqueles jovens. O fato rapidamente ganhou destaque no cenário internacional, tornando-se símbolo de luta e resistência.

(...) Se você olhar bem na capa de *O avesso da pele*, há uma janela no cantinho da piscina; entretanto, esta janela, quando refletida nas costas de um jovem negro, simboliza uma cela, como se a nossa pele simbolizasse o único destino: a prisão. A capa de *O avesso da pele* mostra por si só do que a censura é capaz: ela silencia, ela mata, ela machuca, ela corrói, mas nem isso é suficiente para calar a voz de um povo que é muito maior que isso (Martins, 2024, 57s).

Ao trazer uma análise da capa para o TikTok, a *booktoker* constrói uma narrativa decolonial e mostra ao público que a resistência do livro começa ainda na arte. Isto é, mesmo aqueles proibidos de ler o romance podem, em contato prévio com a capa, encontrar vestígios sobre a temática do racismo abordada no decorrer das páginas. Isso porque o homem negro da capa possui, refletidamente, em suas costas, grades da janela, que podem ser interpretadas como grades da prisão racial que acompanha corpos negros. Ao contar toda a história por trás da arte, com o acontecimento dos jovens que pularam na piscina exclusiva para corpos brancos, ela acaba também produzindo e formulando um imaginário acerca da censura que percorre espaços físicos de segregação, e não só aqueles discursivos. Logo, se há na materialidade da realidade formas de segregações racistas explícitas, no campo simbólico, no qual essas marcas podem estar veladas, também é possível identificar sua permanência, como o caso estudado ilustra.

Figura 4. A *booktoker* Dayhara Martins analisou a capa do livro *O avesso da pele* e explicou ser possível enxergar ainda na arte as primeiras formas de resistência



Fonte: TikTok/Reprodução, 2024.

Um livro como *O avesso da pele*, que busca conferir protagonismo à história de um homem negro a partir das memórias do seu filho, configura-se claramente como uma proposta estético-verbal que deseja transformar signos rígidos do imaginário social. Segundo o pensamento marxista heterodoxo de Gramsci (apud Coutinho, 1992), uma guerra física, chamada de movimento, na infraestrutura não é suficiente para solucionar problemas complexos. Por isso, ele defende uma guerra de posição na superestrutura, na qual “a conquista do poder de Estado, nas sociedades complexas do capitalismo recente, deve ser precedida por uma longa batalha pela hegemonia e pelo consenso no interior e através da sociedade civil, ou seja, no interior do próprio Estado em seu sentido amplo” (Coutinho, C., 1992, p. 81). Um livro antirracista como o de Tenório pode ser interpretado como uma guerra de posição por representar, desde a capa, um desejo de renegociar signos racistas existentes no consenso da hegemonia a partir de recursos literários empregados via filosofia da linguagem (Bakhtin, 2006).

O caso de censura envolvendo o romance *O avesso da pele*, de Tenório, começou a partir do vídeo da diretora censurando a obra em plataformas de mídias sociais, que não fazem a devida curadoria do que circula, mesmo se os conteúdos forem propagadores de

ódio. Assim que o vídeo viralizou, *booktokers* profissionais e outros leitores começaram a circular narrativas de resistências nessas mídias para combater o discurso racista e remodelar os algoritmos que viralizam narrativas preconceituosas, desinformativas e hegemônicas. Embora as plataformas de mídias sociais não sejam espaços de circulação livre, tendo em vista a não neutralidade algorítmica, estratégias como as apresentadas são uma forma de os leitores não esperarem somente pronunciamentos da crítica oficial da grande mídia e criarem de modo independente uma rede coletiva de mobilização e resistência na dimensão circulação.

Considerações finais

A partir da análise da materialidade audiovisual (Coutinho, 2016), estruturada com o apoio do mapa das mediações algorítmicas (Winques, 2024), foi possível estudar uma das dimensões da plataformização da literatura: a circulação. Na América Latina, as pesquisas de recepção são vistas com grande notoriedade pelas lentes que elas podem lançar na compreensão dos processos comunicacionais. Tratando-se da literatura entrando em uma lógica plataformizada, é interessante também recorrer a uma perspectiva barberiana, que colabora para investigar como os leitores e críticos literários se tornam agentes ativos no processo de circulação e reconfiguração da literatura. Ou seja, além das notícias produzidas em jornais sobre a censura que ocorreu na escola do Rio Grande do Sul, é preciso reconhecer que o assunto ganha fôlego com os *booktokers*. Como aconteceu com o Wellê, que construiu uma narrativa decolonial e ainda produziu um imaginário acerca dos censuradores a fim de desvendar o que está por trás da proibição, colaborando para o seu enfrentamento.

Em outras palavras, as novas mediações fazem com que o veículo livro esteja digitalizado para além do *e-book*, pois toda a sua narrativa está deslizando (Figueiredo, 2010) pelas plataformas a todo instante. Esse processo evidencia que não é só uma digitalização do livro, mas uma mudança em toda a área do conhecimento que se chama Literatura, construída à luz dessa nova ecologia midiática; configurada e reconfigurada por leitores que se apropriam das narrativas presentes nas obras, produzindo memes, críticas e, conforme visto, resistência; destacando que a relação da literatura com a

sociedade revela-se mais estreita em comparação a outros tempos. Isto é, por mais que haja queda na quantidade de livros lidos por brasileiros, o modo como se mantém, hoje, contato com esse campo é atravessado pelas plataformas que ampliam a circulação antes restrita às mídias analógicas. Tais ambientes digitais podem potencializar os desafios para essa área do conhecimento ao favorecer discursos desinformativos, como o da censura viralizada. Ao mesmo tempo, a perspectiva crítica pode gerar tensionamento e, por consequência, colocar em cena resistências articuladas coletivamente por *booktokers* profissionais e leitores que utilizam o TikTok.

Referências

ASSIS, Machado. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Editora Ática, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BHERING, Gabriel. O defunto ressuscitado pelo TikTok: a viralização de Brás Cubas e o complexo vira-lata sendo reforçado pelas plataformas de mídias sociais. In: WINQUES, Kérley (org.). **Plataformização e comunicação: tensões, representações e assimetrias**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2025. cap. 6. DOI: <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/978-85-7221-406-3.6>

BUCHER, Taina. The algorithmic imaginary: Exploring the ordinary affects of Facebook algorithms. **Information, Communication & Society**, v. 20, n. 1, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2msE5GH>. Acesso em: 21 jan. 2025.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo, SP. **Anais eletrônicos...** São Paulo, USP, 2016.

D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020.

DERAKHSHAN, H.; WARDLE, C. Information disorder: definitions. In: **Understanding and addressing the disinformation system**, 1., 2017, Filadélfia. **Annals...** Filadélfia: University of Pennsylvania, 2017. p. 5-12. Disponível em: <https://bit.ly/2GbeyJ2>. Acesso em: 24 set. 2019.

FEITOSA, Larissa. 'O Averso da Pele': governo manda recolher das escolas de Goiás livro que fala sobre racismo e violência. **g1 Goiás**, 7 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2024/03/07/o-avesso-da-pele-governo-manda-recolher-das-escolas-de-goias-livro-que-fala-sobre-racismo-e-violencia.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2026.

FIGUEIREDO, Vera. **Narrativas migrantes: literatura, roteiro e cinema**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio: 7Letras, 2010.

GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, v. 6, n. 1, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/49P9Fkf>. Acesso em: 21 jan. 2025.

GROHMANN, Rafael. **Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização e a racionalidade neoliberal**. Eptic, vol. 22, n. 1, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3w22mnu>.

KARHAWI, Issaaf; PRAZERES, Michelle. **Exaustão algorítmica: influenciadores digitais, trabalho de plataforma e saúde mental**. Reciiis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 800-819, out.-dez. 2022.

LÉVY, Pierre. *Collective intelligence: Mankind's emerging world in cyberspace*. Cambridge: Perseus Books, 1997

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. A teoria barberiana da comunicação. **MATRIZES**, v. 12, n. 1, 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Prefácio de Néstor García Canclini. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINS, Dayhara (@dayharamartins). **Análise da capa do livro O avesso da pele** [Vídeo]. TikTok, 6 mar. 2024. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@dayharamartins/video/7343769656898948358>. Acesso em: 27 jul. 2026.

MATA, Jhonatan. **O amador no audiovisual: conteúdos gerados por cidadãos comuns na televisão brasileira**. 1. ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2019. 268 p.

MOURA, Maria; OLIVEIRA, Débora. **Imaginários algorítmicos e a mediação da Amazon na venda de livros**. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, e6317, maio 2023.

NAPOLI, Philip; CAPLAN, Robyn. **Por que empresas de mídia insistem que não são empresas de mídia, por que estão erradas e por que isso importa**. *Parágrafo*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 143-163, jan./abr. 2018.

NOVAK, Courtney Henning (@courtneyhenningnovak). **Resenha de Memórias Póstumas de Brás Cubas** [vídeo]. TikTok, 17 maio 2024. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@courtneyhenningnovak/video/7370016629893238058>.

Acesso em: 27 jul. 2026.

PACÍFICO, Pedro (@book.ster). **Comentário sobre o livro O avesso da pele, de Jeferson Tenório** [vídeo]. TikTok, 8 mar. 2024. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@book.ster/video/7344105949008760097>. Acesso em: 27 jul. 2026.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

WELLÊ (@welle.of). **Comentário sobre a censura do livro O avesso da pele** [vídeo]. TikTok, 2 mar. 2024. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@welle.of/video/7341887270942805254>. Acesso em: 27 jul. 2026.

WINQUES, Kérley. **Mediações algorítmicas**: articulação entre as dimensões simbólicas e materiais das tecnologias digitais. Florianópolis, SC: Insular, 2024.

Submetido em: 23 de fevereiro de 2026.

Aprovado em: 27 de maio de 2026.